

Morse confronta as raízes européias das Américas

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA
De Washington

O ESPELHO DE PRÓSPERO, de Richard M. Morse. Tradução de Paulo Neves. Companhia das Letras, 192 págs., C\$ 850,00. Tiragem: 3.000 exemplares. Nas livrarias a partir de 11 de março.

Richard Morse é o menos americano dos "wasps" (white, anglo-saxão e protestante — fórmula demográfica que neste país costuma gerar pessoas conservadoras e bem-comportadas). Embora seja de uma família tradicionalíssima e tenha estudado e ensinado nas melhores universidades do país (Princeton, Columbia, Yale e Stanford), Morse é um crítico severo — mas bem-humorado — da tradição cultural dos EUA.

Deixa clara sua discordância na teoria e na prática. Sua sala, no Woodrow Wilson International Center for Scholars, no prédio-sede do Instituto Smithsonian, em Washington, é uma aberração para o estilo dos anos 80 nos EUA: num imenso cinzeiro, se acumulam pontas de Marlboro que ele fuma sem parar; sobre a mesa, os papéis e livros estão amontoados sem nenhuma ordem aparente; não há terminais de computadores, pelos quais ele tem indistinctível ojeriza, mas apenas uma obsoleta máquina de escrever, para a qual ele não encontra mais fitas ou peças de reposição porque o modelo deixou de ser produzido há anos.

Quem quiser encontrar esse historiador de 65 anos realmente feliz, não deve procurá-lo em Washington, mas sim em Porto Príncipe ou em São Paulo. Haiti e Brasil são as suas maiores paixões em termos de países. O Brasil, porque foi aí, em 1947, que ele iniciou uma bem-sucedida carreira acadêmica, com uma tese sobre a história de São Paulo. O Haiti, porque de lá veio sua mulher, Emerante de Pradines, cantora, dançarina e atriz que hoje é responsável por oito instituições culturais de seu país, entre elas o Teatro e o Museu Nacionais.

Morse está lançando um novo livro no Brasil: "O Espelho de Próspero", pela Companhia das Letras. Nele, com extraordinária erudição, expõe algumas de suas polêmicas ideias sobre as relações culturais entre o que ele chama de "Anglo-América" e "Ibero-América", ou, como se costuma dizer, os Estados Unidos e a América Latina.

Na terça-feira passada, ele discutiu um pouco o livro com a Folha em seu escritório de coordenador do Programa Latino-americano do Wilson Center. Da conversa, participou Matthew Shirts, secretário-executivo do programa e ex-aluno de Morse no programa de doutoramento em História da Universidade de Stanford, na Califórnia. A seguir, um resumo do encontro.

A revolução religiosa é transformar a consciência no árbitro final

Folha — Para começar, uma pergunta bem genérica. No prefácio do livro, o sr. diz que o seu propósito é ver se a civilização ibero-americana tem alguma mensagem para o nosso mundo moderno. Qual é essa mensagem?

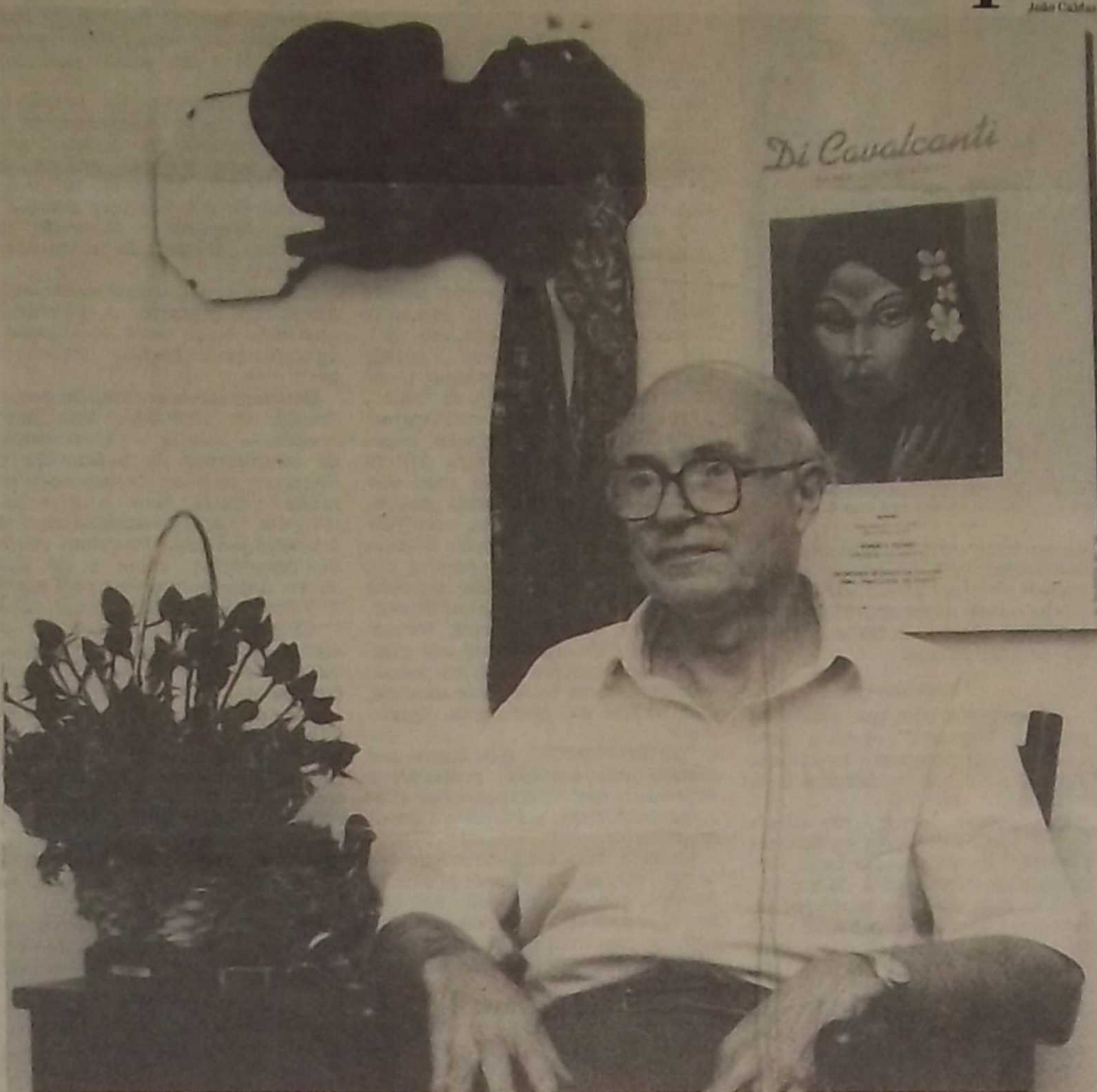
Richard M. Morse — Você quer a versão mais longa da resposta ou a mais curta?

Folha — É uma entrevista para jornal.

Morse — Então, a mais curta. A versão mais curta é que, na minha visão, a civilização ibero-americana preservou algumas opções culturais de que "o resto do Ocidente" foi privado. Eu gosto de chamar a Península Ibérica de Ocidente e França, Inglaterra, Alemanha e os outros de "o resto do Ocidente" ["the rest of West"] porque a Ibéria está mais perto das raízes medievais e das raízes clássicas do que os outros lugares e ela não aceitou todas as implicações das duas grandes revoluções dos tempos modernos: a revolução religiosa e a revolução científica. Ela agiu assim porque ela era mais moderna do que o resto do Ocidente. O mundo ibérico já possuía dois estados-nações viáveis instalados, tinha resolvido o problema das relações entre Estado e Igreja, contava com governos que eram absolutistas mas não tirânicos ou despóticos em princípio. Todas essas coisas ainda eram questões abertas na Inglaterra e na França. Não só tinham os Estados que queriam como no fim da Idade Média os países da Península Ibérica já estavam engajados em importantes empreendimentos intercontinentais para construir impérios, aventura que a Holanda, a Inglaterra e a França só iriam tentar muito mais tarde. Assim, eles não estavam interessados em explorar toda a sorte de novas maneiras de conceber a experiência humana e de inventar um novo sistema político e assim por diante.

Folha — No que consistiam essas duas revoluções dos tempos modernos?

Morse — Eu desenvolvo um pouco melhor no livro o segredo dessas duas revoluções. A revolução religiosa é transformar a consciência no árbitro final. Isso tem uma enorme importância para o desenvolvimento das eleições democráticas. Na tradição política que se estabeleceu a partir daí, assume-se que por místicas razões se 51 pessoas querem uma coisa e 49 querem outra, por motivos místicos as 51 estão certas e 49 erradas. O segredo da revolu-



O norte-americano Richard M. Morse, autor de "O Espelho de Próspero"

ção científica é o de que a verdade deve ser encontrada através da pesquisa, da experiência, da lógica no mundo exterior. Essas duas coisas — a religião individualizada e a noção do princípio científico que acabou se infiltrando não só nas ciências exatas como nas sociais, na economia e ocasionalmente nas artes (é um elemento importante na pintura impressionista, por exemplo) — ajudam a trazer a modernização para o noroeste da Europa e foram ingredientes importantes para o estabelecimento de novas racionalidades políticas nessa região, em especial na França, na Inglaterra e, mais tarde, na Alemanha.

Folha — Como esses princípios se aplicam no mundo contemporâneo?

Morse — Agora, parece que a consciência e a ciência que durante um longo período de tempo foram tidas como certezas já são encarradas com mais naturalidade. Algumas vezes vemos nossos estadistas discutindo se deveriam parar de interferir na vida de pequenos países sob a justificativa do direito de um indivíduo decidir seu próprio destino ou se deveriam interferir em nome de razões científicas. Essa dupla racionalidade ficou clara em nosso país na época da guerra do Vietnã. Ou o conflito aparece quando as pessoas usam métodos científicos de propaganda, publicidades, pesquisas de opinião para engendrar o resultado que vai ser produzido pela consciência individual em uma eleição, por exemplo. Essas são algumas das expressões do desencantamento que se manifesta no "resto do Ocidente" quanto aos resultados do liberalismo no século 20. Essas dúvidas, na verdade, já vêm sendo sentidas desde o final do século 18 pelos grandes profetas como William Blake, o Marquês de Sade (que vira o argumento científico de cabeça para baixo no que se refere ao comportamento humano). Hegel numa grande medida, porque ele formulou a mensagem de que nada é o que se parece enquanto os crentes da ciência acham que tudo é o que parece ser, Nietzsche, Max Weber e a Escola de Frankfurt, só para mencionar alguns dos meus pontos de referência.

Folha — Qual é o contraponto que mundo ibero-americano oferece?

Morse — Bem. O mundo ibero-americano nunca aceitou as implicações definitivas desses princípios. É interessante observar que esta sociedade, a sociedade americana, é uma espécie de caricatura da sociedade européia porque a Inglaterra pelo menos ainda tem as solenidades, as cerimônias, as tradições e a lógica que vêm de uma longa história, que tem suas origens na Idade Média, enquanto na América nós passamos uma espécie de versão reduzida da experiência inglesa a todos os imigrantes que vieram depois — os irlandeses, os italianos, os poloneses, os chicanos e assim por diante — gente que não tinha as mesmas raízes dos ingleses. Roberto da Matta tem uma hipótese interessante. Ele examina a palavra "cidadão" nos EUA e no Brasil. Na tradição política americana, essa é uma palavra que tem um sentido muito positivo: é uma pessoa que tem direitos estabelecidos e garantidos. Mas no Brasil, "cidadão" tem um significado muito diferente, é quase o contrário. Quando alguém se dirige a uma pessoa como cidadão é porque ela praticamente não tem direitos, porque se você obedece as regras e as normas legais você é uma pessoa sem direitos numa sociedade em que não são as pessoas mas as conexões entre as pessoas que são o fundamental. Claro que não se trata de uma oposição

integral. Uma sociedade seria um hospício se fosse ou inteiramente baseada nas relações pessoais ou no contrário, no individualismo absoluto. Se não houvesse nos EUA o clientelismo, as influências de famílias como os Kennedy, o poder de Frank Sinatra e coisas desse tipo, esta sociedade seria um manicômio. É por isso que uma sociedade consegue reconhecer a outra. Se não, um americano seria como um marciano às vistas de um brasileiro e vice-versa. Eu não estou falando de uma dicotomia absoluta. Eu estou falando de diferentes orquestrações de alguns temas ocidentais. Você pode usar a mesma escala, a mesma pauta e dependendo da maneira pode ser marcha ou canção de ninar.

Se não houvesse nos EUA o clientelismo seríamos um manicômio

Folha — E em relação à questão da ciência?

Morse — É claro que o mundo ibero-americano tem uma enorme quantidade de pessoas que contribuíram e continuam contribuindo para o progresso da ciência, e só não se faz mais porque existe uma falta de recursos muito grande nas universidades e nos centros de pesquisa. É verdade que nos séculos 16, 17, 18, portugueses e espanhóis não internalizaram a maior parte dos conceitos das ciências exatas que estavam sendo desenvolvidos no resto do Ocidente naqueles tempos, não — é claro — devido a qualquer tipo de inabilidade racial mas porque havia preceitos não escritos contra esse tipo pensamento especulativo. Quando nós falamos dos últimos 30 anos, podemos observar a modernização das ciências sociais na América Latina nesse período e a difusão dos paradigmas de metodologias científicas americanas e europeias. Mas quando olhamos como a sociedade se desenvolve, sentimos um certo desencanto com as instituições racionalizadas — como partidos políticos, sindicatos — que no resto do Ocidente tiveram um papel tão importante para o estabelecimento de governos democráticos representativos. O papel das relações sociais difusas — como o oposto de relações sociais instrumentais — parece ser mais importante na vida política latino-americana. Novamente, não se trata aqui de uma dicotomia absoluta. Não estou querendo negar a enorme influência dos princípios do "resto do Ocidente" na América Latina contemporânea. Mas nos últimos 30 anos, movimentos como os dos sem-terra, guerrilhas, a teologia da libertação, seitas religiosas não-católicas têm mais forma e definição do que as outras organizações no processo de mudança política na América Latina. Aliás isso é uma divisão já clássica. Eu acho que uma das contribuições fundamentais de "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, é que ele fala desses pequenos grupos sociais, que às vezes tomam um caráter paternalista, autoritário, tirânico, mas representam um processo de unidade interpessoal baseada em seu "status" coletivo, não em realizações individuais. Sérgio Buarque já falava como era difícil casar esse tipo de organização social que os brasileiros têm naturalmente com os tipos de organização do liberalismo, que requerem das pessoas que elas se reúnam em torno de interesses individuais. Por isso é que na sociedade americana é tão grande o número de associações de pessoas que defendem objetivos tão especifi-

cos, enquanto a América Latina é muito mais rica, digamos, em organizações religiosas.

Folha — Que tipo de futuro essa divisão permite vislumbrar?

Morse — Um americano que mergulha numa sociedade latino-americana logo percebe que, apesar de às vezes o governo ser absolutista, sempre há mais relaxamento nas relações interpessoais e estão preservados valores que se perdem cada vez mais em sociedades hiper-racionalizadas como os EUA. Quando se projeta para o futuro algumas das visões desse processo de vitimização da cidade na vida de uma sociedade industrial moderna, podemos imaginar onde esse tipo de vida vai parar. Por exemplo, examine o movimento que vai do marxismo dos Irmãos Marx a Woody Allen. Os Irmãos Marx, como o Marx original, o Karl, faziam pouco da sociedade burguesa e de todas as suas instituições. Mas agora esse tipo de humor já não é tão apreciado. Deu lugar ao tipo de graça que Woody Allen faz: pessoas que não conseguem se relacionar com as outras, que vivem em busca de sua identidade. O meu ponto é que nos próximos 30 ou 50 anos nós precisamos manter os olhos e os ouvidos abertos para a América Latina, porque ela, como guardiã de uma tradição diversa da nossa tradição cultural do "resto do Ocidente", pode fornecer alguns corretivos contra esta loucura para a qual estamos sendo levados. Eu me refiro especialmente à loucura da vida diária.

Matthew Shirts — No fim do livro "O Espelho de Próspero", há uma lista de coisas de que você não gosta na vida dos EUA. O livro parece muito particular neste sentido: começa com a filosofia mais alta na tradição ocidental e termina com uma relação de coisas de que o autor não gosta no cotidiano de seu país. Dá a impressão de que o livro foi escrito de trás para frente, que você pegou as coisas de que você não gosta e foi procurar na filosofia o respaldo para o seu gosto. É verdade o que eu estou supondo?

Morse — Pode ser, porque os níveis da consciência e da subconsciência trabalham juntos aqui. O livro começou como uma espécie de ensaio no qual eu queria refletir sobre as raízes das tradições políticas da Península Ibérica. Aí eu percebi que o que eu havia feito antes ao comparar a Espanha do século 16 com a Inglaterra do século 17 (o início dos períodos de colonização) era uma coisa superficial e que eu não havia atingido o cerne da questão. Eu me dei conta de que era preciso explicar por que os dois países eram tão diferentes se 400 anos antes eles não eram tão diferentes. Eu vi que precisava voltar até o século 11, quando, exceto pela linguagem os espanhóis e os ingleses, seriam quase indistinguíveis. Eu comecei a perceber que meu ensaio se transformava num pequeno livro. Nessa altura, eu passei a prestar mais atenção em alguns autores que no século 19 e no século 20 faziam críticas ao tipo de civilização que o "resto do Ocidente" estava construindo. O tipo de criticismo que eles faziam precisava de exemplificações. Eu sabia que algumas pessoas iriam me chamar de romântico a respeito da tradição latino-americana ou de glorificador dessa tradição. Mas tudo o que eu queria era mostrar que há o que eu chamo de "opção cultural", e que ela é absolutamente legítima. Como uma espécie de instrumento retórico, eu tentei mostrar aos americanos que a sua sociedade é apenas uma outra opção cultural, não a única solução para os problemas do mundo. Eu acho que nós somos uma

sociedade muito paroquial. Em alguns momentos, os latino-americanos também têm os seus paroquialismos. Mas no fim das contas, os latino-americanos estão expostos aos meios de comunicação do mundo todo, enquanto os norte-americanos só conhecem os seus próprios. Há muito mais brasileiros com seus doutoramentos em Michigan ou Columbia do que americanos com doutoramentos em São Paulo ou Rio. Muito mais brasileiros já leram William Faulkner do que americanos leram Machado de Assis ou Guimarães Rosa. Mário de Andrade sabia perfeitamente quem era T. S. Eliot, mas Eliot nunca tinha lido Mário. Eu senti isso em 1947, quando depois de estudar em universidades perfeitamente corretas como Princeton e Columbia, eu cheguei em São Paulo para fazer a pesquisa de minha tese de doutoramento. Eu percebi que intelectual e culturalmente eu tinha chegado ao centro, não à periferia. Em Columbia, apesar de professores brilhantes, eu estava em uma universidade em que o saber era apresentado de forma fragmentada. Eu estava em Nova York, uma cidade enorme e anônima em que se você fosse um historiador especialista em América Latina você era uma espécie de pessoa estranha. De repente, eu cheguei a uma cidade em que arquitetos, poetas, economistas, empresários, todos se conheciam uns aos outros, tinham preocupações comuns, tinham redes de relacionamento pessoal, tinham interesse pela França, pela Inglaterra, pela Alemanha, pelos EUA. Em toda minha educação nos EUA, eu mal pude perceber que havia poderosas ideias na Europa que podiam organizar o mundo de uma forma diferente da que eu havia aprendido, baseada apenas em senso-comum e um pouco de lógica.

Folha — Qual é sua sensação hoje, quando o sr. vai a São Paulo? Eu imagino que nestes 40 anos, em especial no caso de São Paulo, deve ter havido uma infiltração muito grande dos dois princípios a que o sr. se referiu no começo da nossa conversa — de individualismo e de racionalidade científica. Hoje, eu acho que esses dois princípios são hegemônicos pelo menos em São Paulo. Como é essa diferença e como é o choque entre a tradição cultural do "resto do Ocidente" e a tradição ibero-americana em São Paulo?

Morse — Eu diria que a Universidade de São Paulo foi fundada antes da invasão do modelo massificado de universidade americana. Eu acho que o ambiente intelectual em São Paulo nos anos 40 era muito diferente do americano e muito mais próximo do modelo europeu. Não era só uma questão de se ter importado professores e modelos da Europa. Era também uma espécie de reenergização de uma forma holística de se enxergar o mundo em oposição à tradição empírica anglo-americana de tentar dividir as coisas em partes componentes. Depois da Segunda Guerra Mundial, as coisas mudam muito, há todo o processo de urbanização, os instrumentos do mundo moderno chegam ao interior. Então, pode-se dizer que as universidades latino-americanas se norte-americanizam. Nos anos 70 e 80, esse processo se agudiza. As cidades explodem de gente, como se vê em Lima, em Porto Príncipe, em São Paulo. E uma revolução total no que se via antes. Mas o que acontece não é um processo de urbanização em que todos os habitantes das cidades passam a desfrutar de um padrão de vida de classe média, mas sim um em que as classes de baixo incorporam toda a sociedade. É difícil evitar que isso ocorra. Não porque faltam pessoas capazes. Mas porque faltam recursos. Nem os melhores Alfonsins, Alans Garcias ou Leslies Manigats podem dar conta do problema. Faltam recursos. Eu não vejo nem como uma liderança marxista, no sentido clássico do termo, conseguiria resolver o problema, porque uma organização marxista depende tanto da racionalidade e das premissas burguesas do pensamento que talvez seja impossível uma saída desse tipo na tradição cultural ibero-americana.

Shirts — Você conheceu em 1947 vários brasileiros que depois teriam grande influência em seu pensamento e em seus livros. Você poderia identificá-los?

Morse — Antonio Candido, Sérgio Buarque, Florestan Fernandes, Lourival Gomes Machado, que morreu há alguns anos, que não foi apenas um cientista político, mas também um grande conhecedor de história da arte. Lourival era uma pessoa doce, carinhosa, um pouco pomposo no sentido amigável da palavra. Antonio Candido costumava cantar uma canção com o nome dele, como se fosse uma espécie de ópera. João Cruz Costa era outra pessoa com quem eu tinha longas conversas. Outra pessoa muito importante para mim foi Luís Saia, que era um grande amigo de Mário de Andrade. Saia era um arquiteto que estava interessado nas diferenças entre a carpintaria italiana e a portuguesa, e que me ensinou muito a respeito do aspecto físico da cidade. Décio de Almeida Prado também foi uma pessoa com quem eu passei muito tempo, inclusive em viagens pelo interior de São Paulo. Guilherme de Almeida, que me deu uma carteira de sócio honorário do Automóvel Clube. Eu me encontrei com o velho Afonso de Taunay, com quem eu falei com grande reverência por causa da idade. E muitas outras

Shirts — Você teve uma peça

encenada em São Paulo, não teve?

Morse — Sim. Mas não em teatro profissional. Foram os alunos do Instituto Cultural Brasil-EUA. Era uma peça em inglês, chamada "The Narrow Street", sobre a minha primeira experiência com a América Latina, que foi em Cuba. Antonio Candido até escreveu uma crítica da peça, publicada no "Estado". Foi uma crítica muito favorável, muito complicada.

Mais brasileiros já leram Faulkner que americanos leram Machado de Assis

Folha — O Caetano Veloso, numa de suas músicas, "Poderes Poderes", fala da "incompetência da América católica que sempre precisará de ridículos tiranos". O Caetano não é exatamente um discípulo do racionalismo do "resto do Ocidente". Mesmo assim, parece que compartilhe de algumas opiniões negativas sobre a tradição cultural ibero-americana. Qual é a sua opinião sobre este verso dele?

Morse — Você tem mais de 20 países na América Latina. Com certeza em qualquer dado momento, por certo vai haver alguns tiranos, alguns sérios e outros ridículos. É muito difícil conceber todos os países latino-americanos governados por Woodrows Wilsons ou Herberts Hoovers. Eu posso imaginá-los invadidos por eles, mas não governados por eles. Mas, sim, eu acho que esse pode não ser o caso no futuro. Eu acho que a coisa mais importante que aconteceu na América Latina nos últimos 40 anos foi a entrada das pessoas no cenário político, dos chamados "bárbaros" por Sarmiento. Sarmiento chamava os argentinos de bárbaros e os europeus de civilizados. E engraçada essa expressão, "bárbaros". Os japoneses, quando resolveram estudar o Ocidente no século 19, organizaram um instituto (que mais tarde se transformaria na Universidade de Tóquio) que eles chamaram de Instituto de Estudos de Livros Bárbaros. Porque para eles os bárbaros são os que estão fora. Mas para os latino-americanos, os bárbaros estão dentro. Sempre foi muito duro para as elites latino-americanas, brancas e educadas pelos padrões do "resto do Ocidente", aceitar que sua identidade nacional estivesse nos índios ou nos negros e mulatos. Para os americanos, isso era muito mais fácil. Os americanos identificavam a classe média como "o povo". Os "não-povo" foram segregados para viver vidas "invisíveis" até o momento apropriado para a sua emancipação. Hoje, quando nós americanos dizemos "o povo", nós queremos dizer todo mundo, todo mundo que liga seu aparelho de TV. Na América Latina, "o povo" são as pessoas lá embaixo. Pois essas pessoas lá embaixo, que no século 19 nem sabiam que eram brasileiras ou peruanas ou mexicanas, aos poucos começaram a aparecer no cenário, e algumas pessoas proféticas passaram a enxergar sua importância, como Marti, que disse: "Enquanto nós não percebermos os negros como cubanos, não vamos ter uma nação". Isso era difícil de aceitar. Eu não acho que Euclides da Cunha tenha sido racista, como muitos o acusam. Simplesmente era difícil para ele aceitar que cangaceiros e beatos pudessem ser brasileiros. Hoje, essas pessoas estão aí e elas se sentem como a nação. Eu acho que para evitar os tiranos ridículos do caminho não esteja, talvez, na elaboração de mecanismos constitucionais ou de instrumentos como partidos políticos. Nem sei se a classe média em que temos colocado tanta esperança possa ser a solução porque, afinal, a classe média pode ser apagada em poucos meses por um ministro da Fazenda. A democracia talvez venha através de um caminho muito mais difícil, e pode ser que nunca chegue a ser inteiramente alcançada, eu não sei, mas eu acho que podem ocorrer muitos episódios interessantes. Eu não estou falando exatamente de revoluções ou coisas do gênero. Mas a palavra "liberty", que nós usamos nos EUA, representa uma condição estática, significa uma série de coisas que podem ser obtidas e, uma vez atingidas, você tem liberdade (ainda que apenas aparente ou no máximo consensual, como aqui) e aí trata de protegê-la. Enquanto isso, na América Latina, se ouve mais a palavra "liberación" ou "liberación", que significa mais um processo que não pára de acontecer. Talvez isso esteja mais perto da realidade. É difícil imaginar qualquer país da América Latina numa situação de equilíbrio dentro dos padrões do "resto do Ocidente" em futuro próximo. Mesmo porque, em geral, a receita de democracia ocidental presume que todos os cidadãos estejam no interior da sociedade, quer dizer, com mínimos padrões de educação, saúde e condições materiais para exercerem em plenitude seus direitos e sua liberdade. Quem não tem essas condições mínimas, conta com um sistema de previdência. Mas esse não é o caso na América Latina. Na maioria dos casos, não se pode presumir que todos estejam no interior da sociedade. Mas agora quase todos sentem que estão. Ou que deveriam estar. Então, a porta da ideologia fica aberta a todas as opções, o que permite prever desdobramentos muito interessantes.

O jornalista CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA está em Washington com o jornal da Woodrow Wilson Center e correspondente da Folha